

ARQUEOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DISCURSOS E VISIBILIDADES

Ana Cristina Guimarães

Universidad del Salvador
ana.cristina.vinci@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho consiste uma pesquisa de Mestrado concluída que oferece uma reflexão sobre o poder contemporâneo no âmbito da educação secundária para jovens e adultos latino-americanos, tentando dilucidar sua expressão na posição de sujeito da sua população educativa. Entende-se por posição de sujeito uma posição assumida pelo sujeito em relação com o discurso que o constitui como sujeito ou objeto de um determinado saber e poder. Por isso, neste trabalho, o objetivo fundamental é indagar no discurso dos estudantes dos CENS (Centros educativos de Nível Secundário) de Buenos Aires. Porém, considera-se que este discurso não se produz de maneira ilhada do contexto que permite sua circulação, mas no marco de uma mútua inteligibilidade, dado que a escola tampouco é uma instituição neutra e isolada da sociedade. Isto é, o que sucede em um secundário para jovens e adultos forma parte de uma rede de poder que atravessa a sociedade em seu conjunto. No entanto, a pesquisa não se restringe somente a descrever o exercício do poder, mas a identificar também as possibilidades de resistência encontradas neste âmbito. Para isso, o trabalho se dividirá em quatro partes mediante uma metodologia genealógico-arqueológica. Em primeiro lugar, identifica-se os distintos signos adquiridos pelos CENS no curso da história, dando conta do seu caráter heterogêneo. Em segundo lugar, se realiza um estudo das visibilidades, o que brinda elementos para agrupar estas escolas em figuras. Em terceiro lugar, efetua-se o registro do discurso dos estudantes, tornando perceptível tanto o poder quanto a capacidade de resistência. Por último, se estabelece uma relação com a tecnologia de poder atual, apresentando estas escolas como expressões da biopolítica contemporânea.

Palavras-chave: Educação de Jovens e adultos, CENS, Biopolítica.

Introdução (justificativa implícita e objetivos)

A pesquisa que aqui se apresenta foi publicada em 2016, no livro *Poder Poder y Resistencia en la educación. Una arqueología de los CENS*¹, pela Editorial Biblos de Buenos Aires. A mesma tem como objetivo indagar sobre a posição de sujeito dos estudantes de um secundário para jovens e adultos entre os anos 2012 e 2014, tentando dilucidar a maneira em que as relações de poder e resistência que ali estão em jogo contribuem para a sua constituição. Se utiliza o termo posição de sujeito de acordo com os postulados de Michael Foucault para quem o sujeito é uma posição, não estando dado definitivamente, mas “a cada instante, fundado” (1995, p. 16).

¹ Todas as traduções são próprias.

Para isso, se perseguiu quatro objetivos específicos, utilizando uma metodologia genealógico-arqueológica. Em primeiro lugar, identificou-se os distintos signos adquiridos pelos CENS no curso da história, dando conta do seu caráter heterogêneo. Em segundo lugar, se realizou um estudo das visibilidades, o que brindou elementos para agrupar estas escolas em figuras. Em terceiro lugar, tornou-se perceptível o discurso dos estudantes, tornando visível tanto o poder quanto a capacidade de resistência dos estudantes. Uma vez alcançados estes quatro objetivos e postos em relação com a tecnologia de poder atual, se apresentou estas escolas como expressões da biopolítica contemporânea.

A importância de realizar uma pesquisa que torne visível os mecanismos de poder que se expressam em torno da posição de sujeito de um estudante em relação a formar parte de uma escola para jovens e adultos vêm, antes de tudo, do espaço relegado que a educação para jovens e adultos ocupa no cenário educativo latino-americano. “A escassez de pesquisas sobre o tema põe de manifesto que não está pensada como um problema da mesma maneira que a educação para crianças e adolescentes” (GUIMARÃES, 2016, p. 14).

Neste sentido, percebe-se um preconceito que se desprende de uma certa associação da figura do estudante jovem e adulto em contraposição com a do infante. Isto é, o estudante adulto estaria “formado”, necessitando por isso de menos cuidado no que tange a sua educação, a diferença do infante, quem teoricamente deveria ser formado para a vida adulta. Como se isso impedisse de exercer-se sobre os alunos jovens e adultos uma atitude educativa. É certo que se trata de populações educativas com características distintas, no entanto, na medida em que estamos inseridos numa época em que aparece a ideia de uma educação permanente, não é certo afirmar-se que o aluno jovem e adulto encontra-se “formado”. Deste modo, considera-se que a figura do aluno jovem e adulto, justamente por estar em relação de analogia com as crianças permite elementos para uma maior reflexão da educação de crianças e adolescentes. Em primeiro lugar porque se trata de jovens e adultos que não terminaram os estudos secundários, podendo estar mais “formados” do que uma criança, mas não necessariamente. Em segundo lugar, se trata de sujeitos que têm desenvolvido certas práticas sociais e estão submetidos a situações de poder sobre as quais têm um maior grau de responsabilidade e autonomia para exercer algum tipo de resistência. Em terceiro lugar, existe um determinação social, que é “terminar o secundário aos dezoito anos”, o que remete esta população a uma condição de anormalidade. Então, propiciar uma educação que não tenha em conta esta marca, que não desenvolva com estes sujeitos um trabalho sobre este aspecto de suas vidas, é um déficit.

Porém, principalmente, esta pesquisa se fundamenta na importância que tem a população estudantil de um secundário para adultos como fonte de análise no marco da sociedade do conhecimento, onde os sujeitos que não possuem um capital humano mínimo ficam expostos aos mecanismos de dominação. Como explicou Sylvio Gadelha, “a estreita interface dessa teoria do Capital Humano com a educação está, portanto, na importância que a primeira atribui a segunda, no sentido desta última funcionar como investimento” (GADELHA, 2009a, p. 177).

Então, quando se pesquisa a educação é fundamental tornar perceptível suas contradições, mas também as capacidades de resistência dos subordinados. Por isso considera-se essencial não somente uma escuta atenta ao discurso dos resistentes, que muitas vezes, por vir dos margens, não é escutado, mas também a contextualização deste discurso num determinado contexto social que o justifica.

Metodologia

Em relação ao trabalho empírico, se utilizaram métodos de seleção, de coleta e de análise dos dados a estudar. Quanto a seleção, se utilizou a denominada *mostra teórica* (GÓMEZ e GIL FLORES, 1996, p. 203) que consiste, como afirma Rodríguez Gómez e Gil Flores, em fazer depender esta decisão das necessidades do próprio enfoque teórico. Según Martínez M., “devido precisamente a que o tempo, os fundos e o pessoal são limitados, muitos pesquisadores têm que tomar decisões difíceis quanto a área em que devem concentrar seus recursos” (MARTÍNEZ M, 1999, p. 46).

Quanto aos critérios de seleção dos sujeitos, se utilizou o critério de *seleção gradual* que desenvolve Flick. Utilizou-se especialmente a proposta que aponta a conseguir uma variação máxima na mostra. Isso implica “integrar só alguns casos, porém aqueles que sejam os mais diferentes possíveis” (FLICK, 2004, p. 82). Neste sentido, se contemplou uma variável que se considera fundamental para expresar aquelas variações: a variável *nível de educação alcançado*, que contemplará os casos de egressos, estudantes e formados.

Como ferramenta de coleta de dados se realizaram entrevistas em profundidade a seis estudantes, divididos segundo o critério já explicado, analisando nelas as mudanças que se fazem visíveis a partir da experiência de cursar o secundário. O tipo de entrevista que se realizou foi a que Valles define como *entrevista baseada num roteiro*. Esta se caracteriza pelo fato de que as perguntas a realizar não estão restringidas e sua ordem não está dada previamente, mas que existe um roteiro sobre os temas a tratar, o que outorga “liberdade ao entrevistador para ordenar e formular as perguntas, ao longo do encontro de entrevista” (VALLES, 1977, p. 180). Desta forma, através de

distintas entrevistas em momentos diferentes, se poderão gerar os dados que, como descreve Sautu, permitam o “desenrolar das experiências de uma pessoa ao longo do tempo, o qual inclui uma seleção consciente e inconsciente de recordações de sucessos ou situações nas quais participou direta ou indiretamente” (SAUTU, 2005, p. 92).

Também foram realizadas observações não participantes nos CENS. Tendo em consideração as idéias de Valles, para quem a observação deve submeter-se a um conjunto de condições para “transformar-se em uma poderosa ferramenta de investigação social e em técnicas científicas de coleta de informações” (VALLES, 1997, p. 143). Deste modo, realizou-se observações não participantes em distintos CENS, indicados pelo Ministério de Educação de Buenos Aires, assim como entrevistas a autoridades e estudantes indicados pela mesma instituição e também se realizou registros com câmera fotográfica, realizando um estudo das *visibilidades*, o que permitiu que se confirmasse o tipo de poder que atravessa a instituição e a conforma. O tipo de participação foi a que Valles denomina *passiva* assumindo um rol periférico, tentando não interferir nas interações da sala de aula, tratando de “contemplar sistemática e detenidamente como se desenvolve a vida social, sem manipulação” (OLABUENAGA, 1996, p. 125).

Quanto ao método de análise dos dados obtidos, não se buscou uma *explicação unívoca* que desse conta de uma verdade, mas pôr em jogo o que se expressa nos próprios enunciados, o que implica indagar pelo contexto que constitui, em última instância a subjetividade de quem realiza os enunciados. Assim entende Foucault quando afirma que “Não existe enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente, mas sempre um enunciado que forma parte de uma série ou de um conjunto, que desempenha um papel em meio dos demais, que se apoia neles e se distingue deles” (FOUCAULT, 2008, p.130). Isto é, não se trata, de reduzir o discurso a um relativismo subjetivista, mas, localizar este discurso no contexto histórico, social e político no qual se justifica.

Desta maneira, mediante uma análise genealógica-arqueológica realizou-se, por um lado um relato histórico da instituição, a vinculado com os fatos sociais ocorridos em diferentes épocas históricas do país e por outro, um registro de discursos e visibilidades que constituem as subjetividades dos sujeitos estudados relacionando estes elementos com as lógicas de poder da sociedade em que vivemos, detectando como influi neles e quais mecanismos existem de resistência.

O objetivo, então, se orientou a pôr de manifesto, tanto os limites como os alcances da análise teórica em contraste com o fenômeno empírico. A finalidade desta investigação não consiste em dar respostas concretas aos problemas abordados, mas realizar uma tarefa descritiva que torne visível as

contradições que se expressam em torno da constituição subjetiva de um adulto em relação a formar parte da educação para jovens e adultos.

Resultados

Do estudo genealógico-arqueológico pôde constatar-se que a instituição tem um caráter heterogêneo, tendo adquirido distintos signos no curso da história. Neste sentido, a instituição sofreu transformações significativas em curtos intervalos de tempo:

sua criação em 1970 se deu num contexto burocrático-autoritário; a partir de 1973, pôde desenvolver-se no marco de uma etapa democrática; em 1976, se enfrentou com outra ditadura; em 1983, retornou a uma lógica democrática; em 1989, foi atacada pelo neoliberalismo; desde 2003 até o 2015 se desenvolveu em um contexto neokeynesiano (GUIMARÃES, 2016, p. 35).

Estes seis períodos históricos foram analisados e remetidos a seis signos para a educação: Educação como investimento público para o desenvolvimento industrial e germe da biopolítica; A educação como direito social; A educação como branco de poder; A educação como cura do terrorismo de Estado; Educação como investimento privado para a diferenciação e a Educação como inclusão da anormalidade.

Além dos distintos signos, classificou-se a instituição em quatro figuras distintas: *CENS quase imperceptível pulcro*, *CENS quase imperceptível marginado*, *CENS quase perceptível nas margens*, *CENS perceptível no centro*.

Considera-se que este estudo oferece uma visão panorâmica da instituição, permitindo indagar no tipo de poder que a atravessa, fazendo-a ocupar um espaço marginal, justificado por preconceitos. Por exemplo, uma das características centrais destas escolas para jovens e adultos é que não possuem edifícios próprios para seu funcionamento. Essa é uma característica significativa não somente por levar sua população a utilizar territórios alheios, mas também por posiciona-la em uma situação de inferioridade em relação com as do sistema educativo “normal” de ensino que sim tem o seu próprio território. Isso explica que quando a ocupação se da em escolas públicas, as incomodidades se agravam, de maneira que os sujeitos do CENS, justamente por sentirem-se em dívida não usufruam das ferramentas pedagógicas que o edifício dispõe. Como explicou a Diretora da Área do Adulto e do Adolescente do Governo de Buenos Aires, “parecem que temem ao aluno adulto”. No entanto, o trabalho mostrou que não se trata de medo e sim que se estabelece uma certa sentença em que o estudante adulto aparece como um “anormal”, ou como diria Augustin Cabo “o



primo pobre do sistema educativo” (CABO, 2000, p. 26). Deste modo, quanto mais invisível se mantenha mais funcional se apresentará. Assim se explica que nos CENS quase imperceptível pulcro, se manifeste uma excessiva preocupação pela limpeza, além de um cuidado por parte da população jovem adulta de não ultrapassar os limites do território “alheio”. Porém, o que acontece é uma negação do preconceito, cujo preço é a invisibilização de si mesmo, limpando continuamente os próprios rastros.



Sala de aula de CENS pulcro



Cartaz dos aniversariantes da educação fundamental

No caso do CENS *imperceptível oculto* a ausência de preocupação pela pulcritude mostra que não somente existe luta com a própria marginalidade, mas que os sujeitos desta figura não negam o preconceito, são diretamente dominados por ele, que os mantém invisível, sem necessidade de eliminar rastros. Normalmente estas escolas funcionam em instituições que as supera em dimensão: hospitais, empresas, instituições públicas do governo de Buenos Aires, etc.



Edifício público onde funciona CENS oculto.



Sala de aula de CENS oculto.

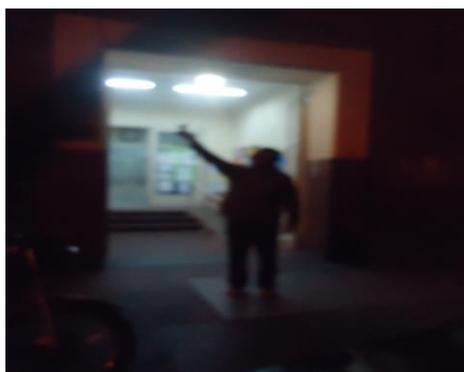
Porém, percebeu-se, também outras formas de relação com a marginalização. Isto é, possibilidades de



ocupação mais presentes, onde a conquista do território pode ser sutil como é, por exemplo, o caso do CENS perceptível nas margens, consistindo num uso das margens e discretas manifestações no interior da instituição até ocupações mais radicais, como é o caso do CENS perceptível no centro. Neste tipo de instituição o que está em jogo é a consolidação do próprio território, ainda que ocupando o lugar “alheio”.



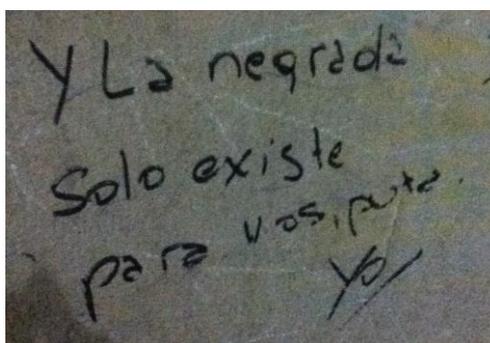
Parede de CENS perceptível nas margens.



Vigia na calçada indicando final do recreio.



Gato em CENS ocupado no centro



Enunciado em parede de CENS ocupado no centro

As quatro figuras estão fortemente atravessadas pelo caráter transitório que dispõe o CENS desde suas origens, dado que as escolas de jovens e adultos originariamente foram pensadas como estratégias de um programa social destinado a resolver um problema pontual: a reinserção dos egressos do sistema educativo. No entanto, não somente faz já quase meio século que os CENS, sem as condições ideais para o desenvolvimento de sua função, oferecem capacitação aos egressos da escola média, mas que também ao aluno jovem e adulto só lhe coube posicionar-se ao margem, desbravando territórios impróprios ou ocupando calado um lugar que não lhe pertence e tendo ainda que sentir-se grato pela oportunidade de concluir os estudos. Isso explica a linha estreita que passou



a estabelecer-se entre a educação para jovens e adultos e a educação especial. Neste sentido, desenvolveram-se projetos onde os CENS começaram a assumir como próprias a inclusão das distintas anormalidades, sejam físicas ou psíquicas. Isso confirma a teoria de Michael Foucault, onde ele explica que na biopolítica, diferentemente da anatomopolítica, já não haverá tanto uma linha de segregação, mas haverá um destaque “das diferentes curvas de normalidade” (FOUCAULT, 2009, p. 83). Deste modo o estudo das visibilidades corrobora o que o autor Sylvio Gadelha afirmou sobre a impossibilidade de negar-se o vínculo entre “educação e biopolítica” (GADELHA, 2009b, p. 166).

Discussão

O estudo genealógico-arqueológico respondeu a pergunta “o que são os CENS”? Isto exigiu a análise dos enunciados e visibilidades, vinculando-os com a tecnologia de poder que os atravessa em distintos períodos históricos. É importante reiterar que as figuras de CENS deram conta do seu caráter heterogêneo, rompendo assim com a ideia de uma identidade que os generalizaria. Neste sentido, é necessário aclarar que nenhuma destas figuras é pura. Isto é, apesar de haver predomínio de determinadas características, se podem encontrar coincidências, o que se relaciona diretamente com a própria situação da educação para jovens e adultos, que ao não possuir territórios próprios para seu funcionamento, se submete a ocupar um espaço que, na realidade, é território de outras instituições. Deste modo o uso do espaço expressa uma certa submissão, a própria marginalização da área no cenário educativo, porém, ao mesmo tempo, permite perceber os mecanismos de resistência existentes. Deste modo, os CENS pensados desde sua heterogeneidade se apresentam na pesquisa como uma instituição suscetível a transformações. Um exemplo disso é o de sua atual função “regularizar um déficit” e já não mais formar “corpos dóceis”. Outra questão significativa é a que se destaca nas entrevistas realizadas as autoridades, onde se marcou que com o tempo deixou de ser uma instituição “fechada” e abriu-se a “comunidade”. Ou seja, se antes a ideia era incluir a classe trabalhadora que não havia terminado os estudos secundários, na atualidade se estendeu para toda a população de egressos do ensino médio, regularizando assim um fracasso da educação básica: a evasão. Deste modo, percebeu-se como os CENS já não respondem a um modelo meramente disciplinário de formação de mão de obra qualificada e dócil, nem a uma anarquia, mas que por essa instituição circula um poder sutil e muito eficaz, o biopolítico contemporâneo. Poder este que se expressa na instituição e por efeito na posição de sujeito de sua população. Neste

sentido, os enunciados dos estudantes conformaram um estudo detalhado da posição de sujeito dos estudantes dos CENS, o que permitiu responder a seguinte pergunta: “O estudante jovem e adulto pode fazer de sua experiência uma prática de subjetivação e não uma sentença?” A resposta a esta pergunta aparecerá com maiores detalhes nas conclusões, porém pode adiantar-se que o fato de haverem estado nas margens do sistema educativo permitiu uma maior compreensão dos alcances e limites do próprio sistema educativo abandonado por eles. O que permite uma problematização da educação em geral e da de jovens para adultos em particular.

Conclusões

Nesta pesquisa se buscou aceder a uma compreensão ampla dos CENS, sobre a base da teoria de Foucault, com ênfase na posição de sujeito e na identificação da tecnologia de poder ali utilizada. Para isto se realizou um trabalho de pesquisa minucioso tanto de discursos como de visibilidades que conformam a instituição estudada. Neste sentido, realizou-se um estudo genealógico-arqueológico dos CENS, antes de tudo por uma necessidade da própria pesquisa, já que por um lado a bibliografia que conformava o estado da arte somente fazia referência a um tipo de poder disciplinário que contradizia os elementos obtidos na pesquisa.

Do trabalho genealógico-arqueológico se conseguiu uma heterogeneidade de elementos que permitiram uma compreensão ampla da instituição e do tipo de poder que por ali circula, assim como de suas características expressadas na educação. O trabalho genealógico permitiu a realização de um relato histórico dos diferentes períodos que a instituição atravessou, respondendo aquela pergunta sobre a identidade dos CENS. Neste sentido, percebeu-se que não existe algo assim como uma identidade, mas que a instituição nunca esteve dada, não foi sempre a mesma, transformou-se no curso da história, respondendo de diferentes maneiras as tecnologias de poder vigentes em cada época. O estudo das visibilidades, por sua vez, permitiu que se expressasse as características do poder que a constitui. Como se viu, destacou-se quatro figuras de CENS: *CENS quase imperceptível pulcro*, *CENS quase imperceptível marginado*, *CENS quase perceptível nas margens*, *CENS perceptível no centro*. A figura quase imperceptível pulcro mostrou um uso cuidadoso do espaço por parte da população jovem e adulta como se tratasse da ocupação de um lugar emprestado. A quase imperceptível marginado mostrou um uso do espaço onde a invisibilidade se dá já não por limpeza de rastros, mas por marginação. Isto é, como essas escolas utilizam espaços menores dentro de uma instituição que a supera em dimensões, apesar de usar o espaço, passam inadvertidos, sendo

que em alguns casos nem mesmo o porteiro sabe indicar se em tal espaço se lecionam aulas para adultos.

Quanto aos CENS perceptíveis, a figura perceptível nas margens tornou evidente uma discreta expressão por parte da população jovem e adulta no interior da instituição e uma certa intensidade na apropriação das margens. Ou seja, esta população construiu nas margens o seu território. Deste modo praças acopladas, jardins, calçadas, cafés ou bares estão marcados por esta população. Quanto a figura perceptível no centro, pode constatar-se um uso expressivo do espaço em que se lecionam as aulas. Aí os cartazes das crianças, as paredes, carteiras, banheiros, estão marcados por enunciados da população jovem e adulta, que transita comodamente pelo espaço, consolidando como seu o que antes era alheio.

As figuras, apesar de serem específicas, compartilham certos elementos, como a ausência de espaços próprios para seu funcionamento. Isso não somente tornou evidente a marginação a que está submetida a educação para jovens e adultos em relação à de crianças e adolescentes, mas também manifestou as características do tipo de poder em que fundamenta suas práticas. No que se refere ao uso de espaços, a questão do aproveitamento dos existentes, segundo Foucault, é uma clara manifestação biopolítica. Isso explica a variedade de prédios inclusive de arquitetura panóptica que servem de espaço para as aulas do CENS. Definitivamente sobre a base desta pesquisa pode afirmar-se que os CENS não são instituições disciplinares, o que, como se disse anteriormente, não significa que o poder esteja ausente e o sujeito atue num marco de liberdade plena, mas se trata de uma instituição *normalizadora e regular*, onde baixo a forma da decisão utilitária, é o individuo quem, ao perceber que sem o título secundário encontra travas, opta por seguir as *regras*, sem necessidade de vigilância. *Se apresenta, então como uma instituição normalizadora e favorece por isso mesmo uma maior compreensão da biopolítica contemporânea e sua expressão na educação.* Isto é, ao justificar-se pela evasão, apresenta em um polo a figura do educado contínuo e no outro o egresso. Os CENS então aparecem com a função de regular estes polos, permitindo que alguns sujeitos com o título secundário possam se acercar ao centro e outros, apesar de concluir o secundário, permaneçam nas margens da sociedade do conhecimento. Pode-se afirmar, então, que o lugar marginalizado que ocupa a educação para jovens e adultos se expressa na subjetividade da população que a conforma. Neste sentido, os estudantes mencionaram distintas travas que lhes impediam “avançar” na sociedade, dando centralidade a função do título secundário. Isso entra em sintonia com a lógica da capacitação permanente. Isto é, essas instituições possibilitariam o acesso a um conhecimento mínimo. Quanto a descrição da instituição pelos

estudantes foi apresentado poucos indícios de disciplina, sendo descrita como “um lar”, como destacou um entrevistado “é como se fosse encontrar tua família” (GUIMARÃES, 2016, p. 107). Quanto a resistência percebe-se em alguns sujeitos uma atitude criativa, em que captaram a lógica da capacitação permanente e realizaram uma série de cursos curtos, driblando com isso os preconceitos do âmbito de trabalho, sem, no entanto, perder a capacidade crítica de destacar as falhas do sistema educativo, que segundo estes, não capacita para as distintas inquietudes. Outros, apesar das dificuldades encontradas asseguram ter se fortalecido e há os que se renderam não encontrando fortaleza para sair da posição de sujeito de egresso permanente. Por último, os enunciados mostraram que não existe uma resistência pura, mas que “sujeição e resistência se misturam no exercício contínuo do poder” (GUIMARÃES, 2016, p. 140).

Referências

CABO, Augustí. *Hacia una sociología curricular en educación de personas adultas*. Barcelona: Octaedro, 2000.

FLICK, Uwe. *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid: Morata, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Seguridad, territorio, población*. Buenos Aires: F.C.E., 2009.

_____ *La verdad y las formas jurídicas*, Barcelona: Gedisa, 1995.

_____ *La gubernamentalidad. Espacios de poder*, Madrid: La Piqueta, 1991.

_____ *Redes del poder*. Buenos Aires: Almagesto,, 1996.

GADELHA, Sylvio. *Governamentalidade e Educação*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2009a.

_____ *Biopolítica, governamentalidade e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

GUIMARÃES, Ana Cristina. *Poder y Resistencia en la educación. Una arqueología dos los Centros Educativos de Nivel Secundario*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.

MARTINEZ, Miguel. *La investigación cualitativa etnográfica en educación. Manual teórico práctico*. México: Trillas, 1999.

MAXWELL, Joseph. *Qualitative Research Design. An interactive Approach*. Sage publications, 1996.

RODRIGUEZ GÓMEZ, GREGORIO, GIL FLORES, Javier. *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ajibe, 1996.

SAUTU, Ruth. *Manual de metodología*. Buenos Aires: Clacso libros, 2005.

VALLES, Miguel. *Técnicas cualitativas de investigación social*. Madrid: Síntesis, 1977.